

Concepção sistêmica do mundo: Vieses do círculo intelectual bakhtiniano e da escola semiótica da cultura / *Systemic Conception of the World: Biases of the Bakhtinian Intellectual Circle and the Semiotic School of Culture*

Irene Machado*

RESUMO

Como concepções teóricas que se organizam para promover um entendimento dos sistemas de signos da cultura podem ser perspectivadas pelo diálogo que respeita controvérsias? Esta é a questão de fundo orientadora do ensaio que examina vieses do dialogismo em confronto com premissas da semiótica da cultura. Sem relativizar a crítica que sustenta a inferioridade do método semiótico, procura-se examinar como, no campo conceitual, os pontos de vista apenas tangenciam a latitude da linguagem como problema semiótico da cultura a partir de uma concepção sistêmica.

PALAVRAS-CHAVE: Dialogismo; Semiótica da Cultura; Modelização; Sistemicidade; Semiosfera

ABSTRACT

How can theoretical concepts which are organized to promote the understanding of sign systems of culture be envisaged by the dialogue which acknowledges controversies? This is the background question guiding this essay, which examines the views of dialogism as it confronts assumptions from the semiotics of culture. Without relativizing the criticism that supports the inferiority of the semiotic method, we seek to examine how, at the conceptual level, the viewpoints only touch the latitude of language as a semiotic problem of culture from a systemic conception.

KEYWORDS: *Dialogism; Semiotics of Culture; Modeling; Systemicity; Semiosphere*

* Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil, CNPq; irenemac@uol.com.br

Introdução

Em diferentes contextos de suas formulações, M. Bakhtin e seu círculo intelectual examinam os limites de concepções tidas como reversas à dialogia. No cenário dos debates dos anos 20, o formalismo russo foi um alvo preferencial dos ataques, sobretudo pelas formulações poéticas e estéticas que tanto Bakhtin quanto V. Voloshinov e P.N. Miedvediév reconheceram como contrárias ao diálogo, como examinamos em estudo anterior (MACHADO, 1985). O debate com as formulações semióticas da escola de Tártu foi mais disperso, o que não significa menos demolidor. Em posicionamentos ocasionais, Bakhtin afirma, por exemplo, a insuficiência analítica do método semiótico estrutural empreendido por Iúri Lótman (BAKHTIN, 2006, p.371; p.383¹). Paradoxalmente, muitas das premissas estruturais dos conceitos semióticos procedem do dialogismo, caso da noção de sistema semiótico de signos como base para o estudo da cultura, não como totalidade, mas como fonte produtora de textos.

As relações entre o círculo intelectual bakhtiniano e a escola de Tártu já envolveram discussões polêmicas que, embora não sejam alvo desse estudo², aqui comparecem como eixos de encaminhamentos acerca do pensamento sistêmico desenvolvidos pelos teóricos russos. Nesse sentido, entendemos que o campo conceptual do dialogismo não se encerra nas formulações do Círculo de Bakhtin, mas se desdobra tanto na arte e poética do construtivismo, quanto nas formulações semióticas. O eixo fundamental de nossa hipótese resulta de análises sobre a própria constituição epistemológica do dialogismo, radicalmente distinta da metodologia que o tornou instrumento de análise aplicada não necessariamente sistêmica.

A distinção aqui enunciada foi observada num artigo que, em menos de cinco páginas, abriu para um conjunto agudo de questões. Nele, o semioticista Mikhail L. Gaspárov examina, dentre outros assuntos, a distância que separa o contexto de adversidade que sustentou as formulações de Bakhtin e o contexto de veneração de seus seguidores. Para Gaspárov,

Continuadores tardios fizeram de seu programa de criação uma teoria de investigação. E essas são coisas essencialmente opostas: o sentido da criação consiste em transformar o objeto; o sentido da investigação, em não deformá-lo. A integridade orgânica da cosmovisão

¹ Cf. versão em espanhol: BAKHTIN, 1989, p.357; p.387.

² Uma panorâmica desse debate foi alvo do estudo de Desiderio Navarro A resposta da Escola de Tártu a Bakhtin e um escandaloso silenciamento da ciência ocidental (NAVARRO, 2007, p.157-171).

bakhtiniana resultou desmesuradamente em teses soltas: sobre o diálogo, sobre a cultura do riso etc. (GASPÁROV, 1993, p.21; tradução nossa³).

O centro fundamental da crítica de Gaspárov reside na transformação do “programa artístico crítico” em metodologia⁴, nas palavras do semiótico Stefan Zolkiewski (ZOLKIEWSKI, 1993, p.23). Até onde é lícito supor, a preocupação de Gaspárov apresenta um fundamento precioso: a monologização do pensamento dialógico quando transformado em método com vistas à sacração de uma teoria. Concordamos que a monologização do dialogismo seja motivo de ponderação em diferentes níveis. Entendemos, porém, que a exploração do dialogismo em suas diferentes possibilidades tem demonstrado o alcance de proposições em distintas áreas de estudo humanístico, particularmente aquelas com as quais divide objetos comuns de análise. Nesse sentido, a crítica de Gaspárov abriu uma fresta para se pensar sobre a relação do dialogismo com a semiótica numa outra direção, sobretudo porque a escola semiótica de Tártu não se coloca na linha dos continuadores que transformaram o dialogismo num método, ainda que tenha preservado as relações dialógicas fundamentais às concepções sistêmicas. Ao entender o dialogismo como movimento elementar da relação do signo com a signicidade da cultura, a semiótica mantém a linguagem no lugar que lhe havia designado o pensamento bakhtiniano: o lugar de transformações dialógicas motivadas pela dinâmica das interações em sistemas culturais.

Ainda que controvérsias muitas vezes coloquem o dialogismo e a semiótica em posições antagônicas, o que se observa no campo sistêmico é que os atritos evidentes da metodologia se revertem em problematizações epistemológicas, sem temer os paradoxos. Vale lembrar que, no entender de Lótman, sem paradoxos não há ciência (LÓTMAN, 1985, p.49). O que ele afirmava com base na observação dos encontros culturais que, no mais acirrado ânimo de seus confrontos, são impulsionados por atritos e confrontos que, do ponto de vista das relações dialógicas, definem o caráter da própria cultura. Nesse sentido, apesar da animosidade, a concepção sistêmica é reveladora de

³ “Continuadores tardíos hicieron de su programa de creación una teoría de investigación. Y ésas son cosas esencialmente opuestas: el sentido de la creación consiste en transformar el objeto; el sentido de la investigación, en no deformarlo. La integridad orgánica de la cosmovisión bajtiniana result desmenuzada en tesis sueltas: sobre el diálogo, sobre la cultura de la risa, etc.”

⁴ Em seu estudo, Zolkiewski reconhece a importância do trabalho de Gaspárov, sobretudo no que se refere à resistência de Bakhtin a consolidar suas formulações como teoria; contudo, contesta seu argumento e defende o dialogismo como método.

como a semiótica, seja a do diálogo, seja a da cultura, impulsionou a expansão do dialogismo. E este é o fundamento da argumentação que se segue.

2 Sistemicidade na dinâmica da cultura

O pensamento dialógico, nascido na fronteira das reflexões do Círculo que vincula o nome de Bakhtin a parceiros como os citados Medvediev e Voloshinov, construiu seu legado nas interações transformadoras das relações dialógicas da linguagem em discurso social. Concebida como movimento entre signo verbal (a palavra) e a signicidade (sistemas de signos da vida social), a dialogia do discurso não se manifesta fora da signicidade emanada da sociosfera histórico-cultural. Disso se infere que as formulações sobre a dialogia discursiva estruturam as bases de processos sistêmicos transformados em síntese da semiose da cultura. O círculo bakhtiniano serve-se constantemente da noção de sistema para organizar suas formulações. Ideograma constitui um sistema de idéias; imagicidade abrange um sistema de imagens da linguagem; poética refere-se a um sistema de modelos artísticos do mundo; o sentido se constrói pelo sistema de relações dialógicas. Diferentemente da noção corrente de sistema como totalidade organizada por suas partes, a noção de sistemicidade derivada de tais concepções diz respeito à dinâmica transformadora capaz de promover mudanças de condição e, com isso, criar vínculos num espaço potencial de relações. O sistema é observado em suas transformações estruturais tanto internas quanto naqueles movimentos em contextos distintos, como foi lembrado por Daniel P. Lucid, “a linguística estrutural torna-se então um ramo da cibernética (LUCID, 1977, p.7; tradução nossa), a ciência que trata de “todos os tipos de sistemas capazes de reconhecer, reter e processar informação e usá-la para controle e regulação de objetivos”, segundo A. N. Kolmogorov em sua formulação que ajudou a definir os sistemas de linguagem como uma espécie de “máquina semiótica” (LUCID, 1977, p.7).

Assim como o círculo intelectual bakhtiniano alcançou a sistemicidade das relações dialógicas no contexto da linguagem entendida como discurso, a escola semiótica perseguiu a sistemicidade em sistemas culturais tais como mito, religião, literatura, artes plásticas, história, cinema e, até mesmo, nas linguagens artificiais de máquinas computacionais dotadas de mente e memória. Nos distintos contextos especulativos, o sério compromisso em desenvolver métodos de análise e caminhos

explicativos para as representações organizadas culturalmente como linguagem revela, sem exageros, a força do tratamento sistêmico de processos culturais, bem como a magnitude do pensamento que busca articular uma concepção sistêmica de mundo.

A consagrada noção de linguagem como sistema de signos, além de dimensionar o conjunto de elementos e de semioses constitutivas do sistema, sustenta a dinâmica de relações extrassistêmicas responsáveis pelo fenômeno da culturalização, síntese daquilo que a semiótica definiu como trabalho sobre os sistemas de signos⁵. Gravita aqui um núcleo conceitual e teórico que leva os estudos do dialogismo para a investigação dos mecanismos que, ao considerar a sistemicidade, avança e propõe os estudos sobre culturologia do ponto de vista de funcionamentos e tensões entre articulações internas e movimentações externas da linguagem dos sistemas em confronto.

Se o ponto diferencial da dinâmica sistêmica é a objetificação das relações dialógicas capazes de interagir com o extrassistêmico, não há como ignorar o jogo de forças na dialética de suas transformações. Quer dizer, se cultura é dimensionada como sistema, evidentemente o extrassistêmico será *natura*. Estaríamos diante de um dilema conceitual se no pensamento sistêmico não estivessem previstas as transformações como passagem de uma dimensão a outra, tão bem formulada nas leis da dialética da natureza (ENGELS, 1979, p.34 e segs.) em que o extrassistêmico é constituinte dinâmico do processo cultural.

Para investigar tal transformação, os semioticistas da cultura definem o trabalho dos sistemas de signos como transformação da informação em texto, semente das noções de texto da cultura, de cultura como texto e de texto artístico. Empreende-se, assim, a compreensão sistêmica da passagem do extrassistêmico para a condição sistêmica, processo que se torna possível graças ao mecanismo semiótico de modelização da linguagem. Assim, no entendimento de Lótman, foi possível observar sobretudo na arte, mas também nos mitos e na religião, fontes modelizadoras das linguagens culturais. Aqui a noção de modelo sugere um viés distinto do protótipo, uma vez que se apresenta como programa de transformação. Aquilo que Bakhtin formulou como modelos artísticos de mundo, observando as obras verbais, Lótman expande como processo modelizante de diferentes sistemas da cultura.

⁵ Trabalhos sobre sistemas de signos consagraram os estudos da escola semiótica de Tártu-Moscou e as publicações que passam a ser divulgadas pela Universidade de Tártu a partir dos anos de 1960 (MACHADO, 2003).

3 O trabalho dos signos na geração dos textos da cultura

O conceito de texto não é apenas fundamental da moderna semiótica que se encaminha para os estudos da culturologia (IVANOV et al, 2003; LÓTMAN, 1990). Trata-se de um conceito que problematiza a concepção sistêmica da cultura e dos processos de semiotização que marcam a transformação da informação em texto. Na perspectiva dos espaços semióticos que Lótman (1985) define como semiosfera, o texto abre caminho para indagações sobre a sistemicidade da relação texto / não-texto, uma outra vertente da relação entre o sistêmico e o extrassistêmico, em que o qualificativo *extra* evidencia, não oposição, mas campo de possibilidade de aquilo que se situa na região externa de um sistema se tornar sistêmico.

A concepção que confere ao texto o diferencial não apenas da abordagem semiótica, como também das ciências humanas, foi formulada, inicialmente, por Bakhtin. Ao afirmar: “Onde não há texto não há objeto de pesquisa e pensamento” (BAKHTIN, 2006, p.307), Bakhtin deixa claro que o objeto de estudo do campo científico humano só pode ser o humano, e esta afirmação não é uma tautologia, apenas enfatiza a capacidade de os seres vivos preservarem sua condição vital ou homeostasis, no entender de Lótman (1985, p.80). De onde se pode sintetizar a máxima do pensamento semiótico segundo o qual: “Quando estudamos o homem, procuramos e encontramos signos por toda parte e nos empenhamos em interpretar seu significado” (BAKHTIN, 2006, p.319). Na linha de tal raciocínio, signo gera signo, do mesmo modo que texto gera texto, pressupondo, portanto, a semiotização do entorno. Por isso, “O trabalho fundamental da cultura (...) consiste em organizar estruturalmente o mundo que rodeia o homem” (LÓTMAN; USPENSKI, 1981, p.39)

A concepção semiótica que define a cultura como gerador de estruturalidade deriva de um atributo fundamental: a capacidade de transformar a informação circundante em conjuntos diversificados, porém organizados, de sistemas de signos, aptos a constituir linguagens tão distintas quanto as necessidades expressivas dos diferentes sistemas culturais. Onde houver linguagem haverá texto, ainda que o oposto não seja uma evidência. Somente nesse sentido o texto da arte, dos ritos, dos meios de comunicação, das transmissões biológicas ou tecnológicas pode ser apreendido em linguagens modelizadas e estruturadas culturalmente. Baseado em Lótman, Lucid cita a seguinte definição:

Um sistema modelizante é uma estrutura de elementos e de regras de combinação de modo a estabelecer analogias com toda a esfera do objeto de conhecimento, previsão ou regulação. Por conseguinte, um sistema modelizante pode ser tomado como linguagem. Sistemas de linguagem natural como base e que adquire superestruturas suplementares, criando assim linguagem de segundo nível, podem adequadamente ser chamados sistemas modelizantes secundários. (LÓTMAN, 1967 apud LUCID, 1977, p.7; tradução nossa).

Há uma evidente contraposição entre o conceito bakhtiniano de texto e o conceito semiótico: enquanto este se abre para o movimento sógnico inclusive do extrassistêmico, em Bakhtin, a signicidade do texto gravita em torno do discurso e de sua enunciação. Os limites entre a logosfera bakhtiniana e a semiosfera Lótmaniana não podem ser desconsiderados sem correr o risco de se perder o gradiente e os atritos entre a semiodiversidade dos sistemas de signos da cultura. Para isso contribui o conceito de modelização tornado chave teórica para a análise das relações dialógicas entre os sistemas imersos na semiosfera.

O conceito de modelização se formou não somente a partir das descobertas linguísticas como também das experiências das vanguardas artísticas e científicas que se propuseram um grande desafio: entender a arte e os sistemas de signos como organizações de linguagem dotadas de estruturalidade. Considerando a linguagem como ocorrência num dado contexto de evolução, coube à língua o caráter de sistema modelizante primário, atribuindo aos demais a condição de sistemas modelizantes secundários. Não obstante a distinção, não é de hierarquia que se trata, mas de tensionamentos entre logosfera e semiosfera. Lótman entendeu que a diversidade das linguagens da cultura, multiplicadas com o desenvolvimento dos processos e dos meios de comunicação, se encarregou de ampliar o processo modelizante de seus sistemas e de seus textos. Porque a semiose se realiza a partir de processos distintos daqueles que geram a linguagem verbal humana, sistemas da cultura modelizaram tanto as linguagens artificiais da ciência, quanto as linguagens secundárias da cultura (dos mitos, da religião, da moda, dos meios, dos sistemas). Assim, se narrativa é a língua dos mitos, tanto o poeta quanto o astrônomo podem construir narrativas sobre o mundo. Contudo, o modelo verbal do mito, em nada se aproxima do modelo das fórmulas e medições dos signos matemáticos e geométricos. E, no entanto, ambos são sistemas modelizantes da cultura. Com isso, a modelização apresenta-se como capacidade cognitiva ou como princípio heurístico para alcançar distintas semioses na dinâmica da cultura. Ao lado da semiose social, em que a interação entre pessoas é mediada pela palavra oral e escrita,

ocorrem outras semioses geradoras de diferentes textos que são ocorrências da e na cultura. Bakhtin foi incapaz de admitir os processos cibernéticos como linguagem (BAKHTIN, 2006, p.312). Evidentemente, jamais reconheceria o texto como dispositivo modelizante.

O texto da cultura configurado pelo trabalho modelizante dos signos não resulta de um único código. Uma língua, por exemplo, desenvolve-se a partir do código verbal, do mesmo modo como a música tem no código musical sua fonte, ou a pintura, que encontrou na perspectiva (linear e inversa) códigos primorosos de pictorialização. Um texto da cultura, além da codificação geradora de seu sistema semiótico, é codificado pelo contexto ambiental de sua produção. Para Lótman (1996, p.7-90), isso significa que todo texto deve estar codificado, no mínimo, duas vezes: pelo código que apreende a informação e a transforma num conjunto organizado de signos e pelo contexto sistêmico da cultura historicamente constituído. Por exemplo: a descoberta do alfabeto explicita um processo de codificação da informação; a produção de um poema ou um tratado de medicina ou um conjunto de leis já é uma segunda codificação, derivada do ambiente de relações poéticas, médicas ou jurídicas, para ficarmos apenas no exemplo citado. O mesmo se pode afirmar com relação a outros textos, como o do código genético cujas letras não se reportam ao texto verbal, mas ao texto celular. O texto constitui-se, assim, como espaço semiótico onde interagem, se interferem e se auto-organizam hierarquicamente as linguagens como dispositivos pensantes, dialógicos e produtores de sentido.

No sistema geral da cultura, os textos são sistemas modelizantes. Enquanto tais desempenham tarefas para o funcionamento da cultura, identificada por três funções elementares (LÓTMAN, 1990, p.11-19): (1) função comunicativa para transmissão de significados; (2) função formadora de sentido; (3) função de memória da cultura. Para cumprir a função comunicativa é preciso considerar o texto como linguagem ou realização de código. Já a função com vistas a geração de novos sentidos é ambiental, depende da atividade relacional com outros textos e com as linguagens que os constituem. Para funcionar como memória, o texto se insere no ambiente da história intelectual da humanidade, capaz de unir e de regular comportamentos com vistas a ações futuras. A memória funciona, assim, como um programa de ação espaço-temporal. A capacidade de desenvolver memória revela uma das propriedades mais desafiadoras dos textos culturais: o funcionamento como um espaço dotado de

inteligência, que Lótman (1990; 1998) entende como “mente” da cultura e, enquanto tal, capaz de fomentar operações imprevisíveis e explosivas.

Lótman manifestara já em suas análises sobre a estrutura do texto artístico que “a afirmação segundo a qual o mundo que rodeia o homem fala linguagens múltiplas e que o apanágio da sabedoria está em aprender a compreendê-las, não é nova” (LÓTMAN, 1978, p.30). A novidade estava, porém, no empenho de se buscar a linguagem de cada sistema, ou melhor, as relações invariantes a partir das quais tal sistema processa informações permitindo sua descodificação e ulterior recodificação. A centralidade da linguagem torna-se questão primordial do exercício de análise dos sistemas modelizantes.

4 Plasticidade dos modelos sistêmicos como fenômenos de consciência e de mente da cultura

Em seu estudo dos anos 70 sobre a estrutura do texto artístico, Lótman indaga por que não existe sociedade sem arte. Segundo lhe parece, se o mecanismo fundamental da homeostasis é o trabalho dos sistemas de signos transformador da informação, a arte só pode ser o espaço privilegiado de todo este processo, funcionando como um princípio vital da sociedade. Mediante os argumentos de seu raciocínio, é próprio da arte fazer emergir o desconhecido sob forma de linguagem e experimentação de novos códigos de criação. A arte se apresenta como espaço da emergência da informação nova graças ao trabalho de transformação das vivências em experiência estética e ato de conhecimento. O trabalho fundamental da arte é criar linguagem capaz de construir o objeto estético. Nesse sentido, a arte cria modelos por meio dos quais se torna possível compreender o mundo.

O argumento principal de Lótman aqui enunciado desenvolve, no contexto da semiótica da cultura, um debate que o círculo intelectual bakhtiniano também enfrentou em diferentes formulações: Voloshinov, em estudos sobre o lugar do discurso na arte e na vida; Bakhtin, em reflexões sobre as transformações do ato ético em atividade estética; Medvediev em formulações sobre o ideograma. Todos em busca de entendimento da atividade sistêmica entre aquilo que é da natureza do sistema e aquilo que gravita em seu exterior, sendo suscetível de transformação e tradução na linguagem do sistema. Para Lótman a questão se desenvolveu em torno da modelização dos textos e da culturalização de fenômenos, explicitando a atividade da mente da cultura que,

desse modo, se aproxima daquilo que, no dialogismo, foi entendido como manifestação da consciência responsiva. Seja como mente, seja como consciência responsiva, o fato é que ambos estão na base da culturalidade.

Em seu debate com as tendências das teorias filosófico-linguísticas, particularmente a que entende a enunciação como expressão da consciência individual, Voloshinov discute a conturbada relação entre a vivência e a sua expressão (evidentemente na experiência do discurso). Contesta a idéia de vivência como expressão interior não semiótica. Em seu argumento, insiste na concepção de vivência, tanto a expressão interior quanto sua objetificação externa, como criação. Ambas são fruto do “mesmo e único material”, vale dizer, do signo. Se lhe parece impossível admitir “vivência fora da corporificação em signos”, não lhe parece possível que a representação artística possa ser dimensionada fora do signo, como se pode ler em sua declaração desafiadora: “Não é a vivência que organiza a expressão, mas pelo contrário – *a expressão organiza a vivência*. A expressão é a que concede, de saída, sua forma e especificidade de direção” (VOLOSHINOV, 1986, p.85; tradução nossa⁶)

Em outro momento, acrescenta: “não é tanto a expressão que se adapta ao nosso mundo interior, mas o nosso mundo interior que se adapta às potencialidades de nossa expressão, aos seus caminhos e orientações possíveis” (VOLOSHINOV, 1986, p.91; tradução nossa⁷). Assim, a consciência só se tornou objeto de estudo da linguagem enquanto realidade sgnica, materializada por relações dialógicas do evento enunciativo, quando se entendeu a esfera da criatividade ideológica e de seu sistema de ideias na ampla esfera das interações da comunicação social. Logo, segundo Voloshinov, “...a própria consciência só emerge e se torna um fato possível somente quando encarnada em signos” na interação social (VOLOSHINOV, 1986, p.11; tradução nossa⁸). Isto posto, podemos, então, seguir alguns caminhos que partiram para espaços ampliados de relações. Do ponto de vista semiótico, a expressão se organiza materialmente por meio de signos, sejam eles palavra, desenho, pintura, som, gesto, movimento etc. Afirma-se, nesse sentido, a precedência de um contexto semiótico no interior do qual a vivência se

⁶ Na versão em português, perde-se parte desta ideia, no momento em que se traduz *perejivdnie* por atividade mental: “Não é a atividade mental que organiza a expressão, mas, ao contrário, é *a expressão que organiza a atividade mental*, que a modela e determina sua orientação” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1981, p.112).

⁷ “... não é tanto a expressão que se adapta ao nosso mundo interior, mas *o nosso mundo interior que se adapta às possibilidades de nossa expressão*, aos seus caminhos e orientações possíveis” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1981, p.118)

⁸ “A própria consciência só pode surgir e se afirmar como realidade mediante a encarnação material em signos” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1981, p.33).

configura como semiose de um horizonte social específico onde se desenvolvem as interações do discurso.

A formulação de Voloshinov projeta um dos confrontos da representação que procura situar o campo de forças do discurso quando perspectivado pela arte, ou em interação na vida. A triangulação aqui formulada se encaminha para afirmar que o objeto artístico não se manifesta independentemente de um processo comunicativo no conjunto da vida social. Voloshinov constrói seu argumento no campo da comunicação estética em que o “o discurso na vida não cabe em si mesmo. Ele emerge de uma situação vivida de natureza extraverbal e conserva os vínculos mais estreitos com ela” (VOLOSHINOV, 1981, p.188⁹). Este contexto extraverbal (ou extra-sistêmico no contexto de nossa reflexão) articula-se a partir de três instâncias:

(1) o horizonte espacial comum aos locutores (a unidade do lugar visível: a sala, a janela, etc.), (2) o conhecimento e a compreensão da situação, igualmente comum aos locutores e, enfim, (3) a avaliação – comum – desta situação. (VOLOSHINOV, 1981, p.190; tradução nossa¹⁰).

O conjunto de tais instâncias sugere uma de suas noções fundamentais: o discurso como realização sistêmica dos elementos que entram para sua constituição. A estrutura do enunciado discursivo acolhe o extrassistêmico o que lhe permite afirmar:

O enunciado cotidiano como um todo portador de sentido se decompõe em duas partes: (1) uma parte verbal atualizada; (2) uma parte subentendida. Daí porque podemos comparar o enunciado cotidiano como um entimema. (VOLOSHINOV, 1981, p.191; tradução nossa¹¹)

Voloshinov nos apresenta aqui um diagrama de pensamento em que é fundamental reconhecer a ausência de algo que não está materializado, mas não é um espaço vazio. Se o entimema é uma construção lógica construído com a ausência de uma das premissas, que fica assim subentendida, se observa que na estrutura do

⁹ Na versão em português: “A palavra na vida, com toda evidência, não se centra em si mesma. Surge da situação extraverbal da vida e conserva com ela o vínculo mais estreito” (VOLOCHÍNOV, 2011, p.154).

¹⁰ Na versão em português: “(1) um horizonte espacial compartilhado por ambos os falantes (a unidade do visível: a casa, a janela etc.); 2) o conhecimento e a compreensão comum da situação, igualmente compartilhado pelos dois, e, finalmente, 3) a valoração compartilhada pelos dois, desta situação” (VOLOCHÍNOV, 2011, p.156).

¹¹ Na versão em português: “... uma enunciação da vida real, enquanto um todo pleno de sentido, se compõe de duas partes: 1) de uma parte realizada verbalmente e 2) do subentendido. É por isso que se pode comparar uma enunciação da vida real com um ‘entimema’” (VOLOCHÍNOV, 2011, p.157).

enunciado se reserva lugar para o ausente, o que está fora. Ora, a obra estética se constrói nesta abertura para o que lhe é exterior, que não se encontra manifesto mas para o qual se busca expressão, a sua entonação discursiva, o que Voloshinov sintetiza em termos de entonação expressiva. A entonação apreende o momento de uma transformação e a atualiza. Na obra de arte, o signo da ausência é potencialmente criador. Isto não escapou a F. Dostoiévski, nem a Bakhtin. Na organização de sua poética, Bakhtin confere um lugar privilegiado para o exame do discurso com evasivas onde o não-dito tensiona o espaço discursivo e concentra uma carga enunciativa impossível de ser ignorada (BAKHTIN, 1981, p.199 e segs.).

Num outro lugar de reflexão, mas no contexto da obra estética, Bakhtin indaga sobre o deslocamento transformador na relação de um autor com seu personagem. Transporta-se para aquele espaço semiótico em que se situa Voloshinov de modo a construir sua compreensão da atividade estética que, ao mesmo tempo em que não se realiza fora da vivência, dela se desloca para se constituir esteticamente. Em sua notável concepção da “forma espacial da personagem” afirma que, quando se está na arte, evidentemente, não se está na vida, uma vez que a vivência, tão necessária à atividade estética, constitui apenas um primeiro passo. É claro que é preciso vivenciar uma experiência; contudo, a atividade estética só se manifesta quando se retorna ao lugar exterior à vivência. Esta é a condição ética sem a qual a atividade estética não se realiza. O movimento de mão dupla comporta experiências muito diferentes e não coincidentes, apesar da implicação mútua. Se fossem coincidentes, não seria possível distinguir os excedentes de visão projetados pelos campos visuais distintos, não apenas visualmente, mas, sobretudo, axiologicamente (BAKHTIN, 2006, p.21 e segs.; 1989, p.28 e segs.). Na composição do campo visual de relacionamentos entre vivência e experiência, o ponto de vista nunca é unidirecional e contínuo, mas duplamente orientado e pontilhado: falta-lhe sempre algum ângulo que se abra para a interação com o outro. A interação na e pela vivência, com todos os seus limites, torna-se condição fundamental do ato ético.

Ainda que possamos tão-somente introduzir a linha geral de tão rico pensamento, aquilo que Bakhtin examinou com rigor e formulou em termos de posicionamento, ponto de vista, excedente de visão, campo visual extraposto, constitui um princípio heurístico de sua concepção sistêmica e do modelo pelos quais organiza as relações dialógicas observadas na dinâmica que transforma o extrassistêmico em

sistêmico num processo de autogeração em que nada é dado *a priori*, fora de uma operação de uma mente ou consciência responsiva.

A plasticidade do ponto de vista que, na obra de arte, experimenta e realiza suas lacunas e embates, é um campo aberto e complexo na concepção sistêmica. Não é de se estranhar que tenha se colocado na base de todo o trabalho semiótico que Boris Uspênski realiza no campo da poética da composição artística, fruto de uma intensa relação do signo estético com a signicidade da cultura (USPENSKI, 1979).

Contrastando com seus estudos sobre o ícone bizantino, Uspênski observa que a tradição ocidental desenvolveu a noção de ponto de vista em torno da noção de perspectiva linear, elaborada na Renascença, em detrimento da configuração sistêmica desenvolvida na arte antiga oriental. Em nome de uma compreensão mais apurada de pontos de vista plurais e inclusivos, Uspênski procura examinar obras de arte pictórica em que a posição do artista encontra-se representada na obra, problematizando o espaço de representação em sua sistemicidade. Mostra como a combinação dos pontos de vista não cabe nos limites de uma abordagem unidirecional sem correr o risco de ignorar os pontos de vista do personagem e do narrador; do artista e do observador; do artista e do motivo. Partindo das formulações bakhtinianas sobre a obra verbal de F. Dostoiévski, Uspênski observa que o modelo artístico desenvolvido em seus romances se encaminha numa direção contrária ao ponto de fuga narrativo-autoral, complexificado nas representações do discurso interior e dos processos de transmissão. Contudo, é na sua longa investigação sobre o ícone russo antigo que ele desenvolve a radicalidade de suas observações sobre a multiplanaridade da obra de arte bem como dos processos de transcodificação, ambos estudados também por Lótman. (USPENSKY, 1973; USPÊNSKI, 1979; LÓTMAN, 1978).

O aspecto fundamental do procedimento multiplanar diz respeito à descoberta de que o artista antigo e medieval não só misturava os pontos de vista como também se situava no interior do quadro. O posicionamento interno do artista no espaço representado modifica completamente o ponto de vista do mundo ao seu redor, condicionando o sistema perspectivístico empregado. A organização do espaço pictórico a partir de um ponto de vista interno toca num problema semiótico que não pode ser ignorado: as fronteiras da representação, seus limites, suas conjunções. Nesse caso, o ícone reproduzido apresenta claramente como o pintor de ícone tratava o espaço pictórico como se situava em relação a ele desenhando, portanto, uma visão de mundo de seu tempo.

Não apenas o alto e o baixo; o interior e o exterior se confundem, mas o início e o fim; o acabado e o inacabado. O que foi criado tem um princípio e uma existência cíclica, mas não tem um fim. É possível delinear um caráter da cultura se sua orientação tende para o princípio ou o fim. O que permanece inalterado é a noção de fronteira como espaço semiótico capaz de investir de função interna aquilo que lhe é exterior.

Estamos de volta ao nosso ponto de partida: a concepção sistêmica de mundo aqui plasmada pela representação estética em sua possibilidade de explorar procedimentos criadores da experiência estética naquilo que ela tem de fundamental para promover o espaço como movimento transformador e acolhedor de mudanças que se manifestam sempre como respostas de uma consciência de cultura.

5 Arquitetônica da semiosfera na cultura

Ao distinguir o mundo da mecânica do mundo das interações dialógicas, atribuindo a essas últimas a capacidade de mobilizar as coisas tocadas pela “unidade interna do sentido”, Bakhtin (2006, p.XXXIII) define o diálogo como força da consciência responsiva a mover o mundo de cultura, isto é, de pontos de vista, projeções da esfera ideológica em sentido amplo ou esfera de ideias. No movimento em direção ao outro, e na dinâmica dialógica da resposta, as coisas do mundo ganham sentido e, dessa forma, geram a dimensão de realidade que se constitui como cultura e em relação à *natura*.

Bakhtin atribui à arquitetura o gesto criador da produção de sentido em que se torna possível divisar o campo da cultura, “tocado pela unidade interna do sentido” e o da *natura*, que acolhe os fenômenos em sua mecânica, independentes de relações. O mundo da cultura é aquele das relações arquitetônicas, por exemplo, daquelas em que o homem se interroga sobre si, sobre seu entorno e, ao fazê-lo, articula relações interativas capazes de enunciar respostas a partir das quais constrói conhecimentos. Este é o mundo dos eventos, dos atos éticos e da atividade estética que constrói respostas que tornam possíveis a geração de outras formulações de sentido.

Porque emerge em movimento para o outro, a resposta configura uma tendência para o extrassistêmico. Essa é a dimensão ética da própria vida, ou melhor, da vida que gera vida, na síntese epistêmica do biólogo, geoquímico, filósofo da ciência, W. Vernádski. Sem alardear filiações a correntes, Vernádski confere tratamento sistêmico

às relações dialógicas que se fazem ouvir em formulações tanto da arquitetônica de Bakhtin quanto da semiosfera de Lótman.

Em investigações que o levaram à conceptualização da biosfera como fonte geradora da vida, Vernádski desenvolve o modelo dialógico, em que o ponto de partida teórico foi a idéia de biosfera como mecanismo cósmico. Envolvendo a superfície do planeta, a biosfera foi entendida como uma película de conservação da matéria viva, graças à transformação da energia radiante do sol em energia química e física. Em face da mudança de estado, Vernádski observa uma transformação da energia em algo distinto e, portanto, capaz de gerar o metabolismo da vida. Do ponto de vista da vida humana, o metabolismo desenvolveu reações que excedem o nível da matéria física para gerar um processo cósmico que se manifesta como o espaço de consciência.

A articulação entre os dois níveis reagentes, o biológico e o cósmico, está na base daquilo que se definiu como pensamento sistêmico de caráter ecológico em Vernádski. Nele o humano (*humanitas*) se desenvolve na biosfera e oferece o pensamento consciente como uma nova força geológica no planeta, que o gera e o envolve. Nesse sentido, a emergência da consciência humana torna-se um dos estágios no desenvolvimento e refinamento da biosfera e de seus processos, reino da *noosfera* (do grego *noös* que significa mente). Quando Bakhtin se volta para pensar a logosfera construída em torno da palavra, ou, quando Lótman afirma a semiosfera como o espaço semiótico fora do qual a semiose não existe, ambos abrem um diálogo não apenas com Vernádski mas com a consciência responsiva da mente no espaço cósmico da vida.

O cosmos dialógico que faz emergir a consciência responsiva leva o pensamento de Lótman para outra direção. Num primeiro momento atribui ao espaço cósmico a atividade produtora de informação (LÓTMAN, 1978); na sequência, envereda para a apreensão do espaço semiótico da semiosfera (LÓTMAN, 1985) e nele entende a formação do “universo da mente” (LÓTMAN, 1990). A transformação da informação lhe parece o cerne fundamental da consciência responsiva que, ao se constituir como espaço de mente, dimensiona processos de inteligência. Por tudo isso, é fundamental que a linguagem seja o eixo de toda transformação da informação, garantia da permanência da própria vida no planeta. Se essas informações não são transformadas em linguagem, estarão irremediavelmente perdidas (LÓTMAN, 1978, p.29). E esta, sim, é nossa tarefa primordial como seres dotados de inteligência no pleno exercício da linguagem geradora de sistemas de signos da cultura.

Também aqui o salto qualitativo na dinâmica relacional entre o sistêmico e o extrassistêmico é decisivo para explicitar o mecanismo gerador da cultura, o mecanismo de transformação da informação em texto de cultura.

Atraído, sobretudo, pela compreensão da biosfera como espaço autogerador – “vida que gera vida” – Lótman entende que só os sistemas dotados de inteligência podem constituir pensamento e abranger o campo do sentido, onde quer que ele se manifeste. Este lhe parece ser o caso da cultura. No contexto das diferentes semioses que transformam informações em textos, a cultura se manifesta como organismo. Para ele,

... uma propriedade fundamental do organismo é a homeostasis ou a tentativa de conservar o próprio nível estrutural - isto é, o nível de informação possuída - e de contrapor-se à entropia. Todavia, o princípio já formulado por Darwin segundo o qual 'todo ser orgânico se reproduz em uma progressão veloz que, se não fosse submetido à destruição, a descendência de uma só cópia teria ocupado muito antes toda a Terra', sublinha o crescimento local da informação numa determinada parte do sistema energético geral (LÓTMAN, 1985, p.80; tradução nossa¹²).

Para que tal homeostasis se realize como força de conservação e organização estrutural, há que se considerar as semioses nos diagramas mentais do sistema. Segundo Lótman, “A unidade da semiose, a menor função do mecanismo, não é a linguagem isolada mas a totalidade do espaço semiótico da cultura em questão. Essa é a *semiosfera*” (LÓTMAN, 1990, p.125). Nela a homeostasis reveladora dos processos de inteligência configura-se em mecanismos operativos fundamentais, a saber: delimitação espacial; irregularidade semiótica; heterogeneidade. Com base em tais operações, Lótman especula sobre a inteligência dos espaços semióticos da semiosfera elaborando alguns de seus diagramas mentais mais significativos.

O primeiro diagrama compõe a delimitação espacial. A noção de espaço na semiosfera reporta-se à liminaridade: trata-se da conjunção que reúne encontros e intersecções. Daí que o termo chave de sua definição ser “fronteira”:

¹² “... una proprietà fondamentale dell’organismo è l’omeostasi ovvero il tentativo di conservare il proprio livello strutturale – cioè il livello di informazione posseduto – e di contrapporsi all’entropia. Tuttavia il principio già formulato da Darwin, secondo il quale “ogni essere organico si riproduce in una proessione tanto veloce che, se non fosse sottoposta alla distruzione, la discendenza di una sola coppia occuperebbe molto presto tutta la terra”, sottolinea la crescita locale dell’informazione in determinate parti del sistema energetico generale”.

A noção de fronteira é ambivalente: tanto separa quanto une. É sempre fronteira de algo que pertence a ambos os lados da divisão cultural, a ambas semiosferas contíguas. A fronteira é bilíngue e polilíngue. A fronteira é um mecanismo para a tradução de textos de uma semiótica estrangeira em nossa linguagem. É o lugar onde o que é externo é transformado em interno, é o filtro da membrana que transforma o texto alheio e o torna parte da semiótica interna da semiosfera ainda que mantenha suas próprias características (LÓTMAN, 1990, p.136-7; tradução nossa¹³).

Nada além de um mecanismo dialógico comanda as operações semióticas da fronteira, transformando a informação (não-texto) em texto. Também a quantidade se transforma em qualidade e, portanto, em sistema semiótico qualificado dialogicamente.

O segundo diagrama apreende a irregularidade semiótica nas relações estabelecidas entre centro-e-periferia. Se todo sistema se constitui em torno de alguns sistemas semióticos dominantes – não se pode esquecer de que estamos falando de sistemas modelizantes – não há como impedir o movimento que expelle outros sistemas para regiões periféricas. A não homogeneidade estrutural do espaço semiótico forma reservas de processos dinâmicos, um dos mecanismos de produção da nova informação dentro da esfera. Nos setores periféricos, organizados de maneira menos rígida e possuidores de construções flexíveis, “deslizantes”, os processos dinâmicos encontram menos resistência e, por conseguinte, se desenvolvem mais rapidamente. Por exemplo, as diversas linguagens naturais que definem as culturas se desenvolvem muito mais lentamente que as estruturas ideológico-mentais.

O terceiro diagrama citado é o da heterogeneidade, resultante da irregularidade e combinação entre assimetria e simetria, manifestada, sobretudo, no nível estrutural. Ainda que se considere uma simetria especular no conjunto, as relações internas reproduzem uma formação especular de pares simétrico-assimétrico, tais como: esquerda-direito; alto-abaixo; centro-periferia. Segundo Lótman, tal configuração encontra-se amplamente difundida em todos os mecanismos geradores de sentido, que podemos dizer que seja universal, abrange tanto o nível molecular e as estruturas gerais do universo, quanto as criações globais do espírito humano (LÓTMAN, 1996, p.40).

¹³ “The notion of boundary is an ambivalent one: it both separates and unites. It is always the boundary of something and so belongs to both frontier cultures, to both contiguous semiospheres. The boundary is bilingual and polylingual. The boundary is a mechanism for translating texts of an alien semiotics in ‘our’ language, it is the place where what is ‘external’ is transformed into ‘internal’, it is a filtering membrane which so transforms foreign texts that they become part of the semiosphere’s internal semiotics while still retaining their own characteristics”.

Os diagramas conceituais sobre a semiosfera prenunciam não apenas as relações sistêmicas de conjuntos culturais humanos. Abrem-se para diversos relacionamentos modelizantes do mundo vivo em seus ecossistemas que também transformam informações, senão em textos culturais, pelo menos em comportamentos.

Reflexões sobre a coalescência entre natureza e cultura remontam às formulações iniciais do pensamento semiótico segundo o qual “o conceito de cultura encontra-se inseparavelmente ligado à sua oposição à ‘não-cultura’” (IVANOV et al, 2003, p.100). Com isso, cultura e não-cultura tornam-se termos de um repertório conceitual que movimenta formulações teóricas da cibernética, da teoria da informação, da mitologia, da literatura e da arte. Informação tornou-se palavra-chave, a ser pensada como emissão do cosmos e como transformação codificada em mensagens (LÓTMAN, 1978). Nas *Teses para uma análise semiótica da cultura (uma aplicação aos textos eslavos)*, que vieram a público somente nos anos 70 (ver IVANOV et al, 2003), está clara a necessidade de examinar a mutualidade das relações entre natureza e cultura como um processo de luta pela informação. Cultura e não-cultura são os agentes vivos desta luta como forma de garantia da consciência responsiva e dos espaços de mente em expansão como tudo na cultura.

Considerações finais

O trabalho que visa compreender a sistemicidade como a articulação de relações dialógicas em diferentes esferas – e aqui foram observadas no contexto da relação do signo com a signicidade de sistemas culturais - conduz a abordagem da semiótica da cultura para aprofundamentos sistêmicos cada vez mais direcionados pelos processos das relações dialógicas. Se, por um lado, nos permite trabalhar a cultura a partir de seus sistemas de signos em suas relações transversais, por outro nos leva a adentrar no diálogo com vertentes vigorosas do pensamento teórico que desbravaram caminhos nesta direção. Há muito o que compreender nas relações teórico-conceituais que os estudiosos do círculo intelectual de Bakhtin deixaram como legado de uma investigação propositiva. Retomadas à luz dos trabalhos da escola semiótica, permitem não apenas constatar a magnitude das formulações como também avançar no encaminhamento de outros problemas. Este nos parece ser o trabalho de Lótman, Uspênski e tantos outros

semioticistas que contribuíram para a ampliação e fortalecimento das concepções sistêmicas.

Sabemos que os próprios semioticistas nunca deixaram de referenciar o campo desbravado não apenas pelo círculo bakhtiniano como também pelos formalistas russos. Bakhtin deixou registrado seu conhecimento daquilo que os estudiosos realizaram em Tártu, apesar do desconforto e discordância com relação ao direcionamento que Lótman propunha à poética ao recorrer à cibernética e à teoria da informação. Há pontos de vista conflituosos e muitos mal-entendidos na situação que não passaram imunes pelos críticos russos e ocidentais (um panorama deste tensionamento, supostamente recolocado por M. L. Gaspárov e A. Reid pode ser encontrado em Navarro, 2007).

Fora da perspectiva de revisionismo das posições ideológicas dos teóricos, há que se ressaltar a existência de poucos, mas significativos trabalhos de conjugação de conceitos que foram tão fundamentais para configurar o campo de forças que emergiram no século XX em nome de uma compreensão do sentido.

Sem convocar o espírito revisionista, mas buscando um mapeamento dialógico do campo conceitual, sobretudo entre Bakhtin e Lótman, Sanchez-Meza (2004) analisa o legado das idéias na configuração e continuidade das formulações.

Nossa proposta, por seu turno, se concentra no entendimento da concepção sistêmica fundada no diálogo tensionado por pontos de vista divergentes mas não excludentes. Vivemos numa época em que tudo é considerado linguagem e, no entanto, pouco sabemos sobre os códigos que modelizam tais linguagens e menos ainda de que se alimenta seu processo de significação. Linguagem continua sendo um problema semiótico que nenhum método pode esgotar apesar da magnitude de certas formulações como o dialogismo e a semiosfera.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V. N.). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1981.

BAKHTIN, M. M. Autor y personaje en la actividad estética. In: *Estética de la creación verbal*. Trad. Tatiana Bubnova. México: Siglo Veintiuno, 1989.

_____. Arte e responsabilidade. In: _____. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p.XXXIII-XXXIV.

_____. O autor e a personagem na atividade estética. In: _____. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. Apontamentos de 1970-1971. In: _____. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: _____. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. O discurso em Dostoiévski. In: _____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.

ENGELS, F. *A dialética da natureza*. Prólogo de J.B.S. Haldane. Trad. José Barata-Moura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GASPÁROV, M.L. M.M. Bajtín en la cultura rusa del siglo XX. Trans. by Desiderio Navarro. *Criterios. Revista Internacional de Teoría de la Literatura y las Artes, Estética y Culturología*, Casa de las Americas y la Union de Escritores y Artistas de Cuba, Habana, p.19-22, julio 1993.

IVÁNOV, V. et al. Teses para uma análise semiótica da cultura (uma aplicação aos textos eslavos). In: MACHADO, I. *Escola de semiótica: a experiência de Tártu-Moscú para os estudos da cultura*. São Paulo: FAPESP/Ateliê Editorial, 2003.

LÓTMAN, I. *A estrutura do texto artístico*. Trad. M. C. V. Raposo e A. Raposo. Lisboa: Estampa, 1978.

_____. Acerca de la semiosfera. *La semiosfera. I – Semiótica de la cultura e del texto*. Trad. Desiderio Navarro. Madrid: Cátedra, 1996.

_____. Cerebro – texto – cultura – inteligencia artificial. *La semiosfera. II – Semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio*. Trad. Desiderio Navarro. Madrid: Cátedra, 1998.

_____. *La semiosfera. L'asimmetria e il dialogo nelle strutture pensante*. Trad. Simonetta Salvestroni. Venezia: Marsilio, 1985.

LÓTMAN, I. & USPENSKII, B. Sobre o mecanismo semiótico da cultura. In *Ensaio de semiótica soviética*. Trad. Navas e S.T. de Menezes. Lisboa: Horizonte, 1981.

LÓTMAN, Ju. M. *Struktura xudozestvennogo teksta [The structure of the artistic text]*. Moscow: Iskusstvo, 1970. [*A estrutura do texto artístico*. Trad. M.C.V. Raposo e A. Raposo. Lisboa: Estampa, 1978].

_____. Tezisy k probleme 'Iskusstvo v rjadu modelirujuscix sistem' [Theses on the problem 'art in the series of modeling system']. *Trudy po znakovym sistemam, III [Studies in sign systems, vol. 3]*. Tartu: Tartu University Press, 1967, p.130-1.

LÓTMAN, Y. *Universe of the Mind. A Semiotic Theory of Culture*. Trans. Ann Shukman. Bloomington, Indiana University Press, 1990.

LUCID, D. P. *Soviet Semiotics. An Anthology*. Trans. and Ed. by Daniel P. Lucid. D. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press.

MACHADO, I. *Analogia do dissimilar: Bakhtin e o formalismo russo*. São Paulo: Perspectiva, 1985.

_____. *Escola de semiótica: a experiência de Tártu-Moscú para os estudos da cultura*. São Paulo: FAPESP/Ateliê Editorial, 2003.

NAVARRO, D. A resposta da escola de Tártu a Bakhtin e um escandaloso selenciamento da ciência ocidental. In: MACHADO, I. (org.). *Semiótica da cultura e semiosfera*. São Paulo: Fapesp/Annablume, p.157-171, 2007.

SANCHEZ-MESA MARTINEZA, D. Bajtín ante la semiótica dela cultura. *Entretextos. Revista Electrónica Semestral de Estudios Semióticos de la Cultura*, nº 3, mayo de 2004. www.ugr.es/~mcaceres/entretextos/pdf/entre3/domingo/pdf. (último acesso 17 de agosto de 2013).

USPÊNSKI, B. Elementos estruturais comuns às diferentes formas de arte. Princípios gerais de organização da obra em pintura e literatura. Trad. Aurora F. Bernardini. In: SCHNAIDERMAN, B. (org.). *Semiótica russa*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

USPENSKIJ, B. A. Per l'analisi semiótica dele antiche ícone russe. In LÓTMAN, Ju. M; USPENSKIJ, B. A. *Richerche Semiotiche. Nuove tendenze dele scienze umane nell'URSS*. Trad. Clara Strada Janovic. Torino: Giulio Einaudi, 1973.

USPENSKY, B. *A Poetics of Composition*. Trad. V. Zavarin e S. Witting. Berkeley: University of California Press, 1973.

VERNADSKY, W. *La biosphère*. Paris: Diderot, 1997.

VOLOCHINOV, V. (M. M. Bakhtin). A palavra na vida e na poesia. Introdução ao problema da poética sociológica. In: VOLOCHÍNOV, V. N.; BAKHTIN, M. M. Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação. São Carlos: Pedro & João Ed., 2011, p.145-181.

VOLOSHINOV, V. N. Le discours dans la vie et le discours dans la poésie. Contribution à une poétique sociologique. Trad. T. Todorov. In TODOROV, T. *Mikail Bakhtine le principe dialogique*. Paris: Seuil, 1981, p.181-215.

VOLOŠINOV, V. N. *Marxism and the Philosophy of Language*. Trad. L. Matejka and I.R. Titunik. Cambridge: Harvard University Press, 1986.

ZOLKIEWSKI, Stefan. Bajtín y el problema fundamental de la semiótica. Trad. Desiderio Navarro. *Critérios. Estudios de teoria de la literatura y las artes, estética y culturologia*, 1993.p.23-40.

Recebido em 19/08/2013

Aprovado em 17/11/2013